



Entrevista | David Junior

“É urgente que a sociedade humanize corpos pretos, nos permita viver para além dos estereótipos, e estamos caminhando para isso. Estamos galgando a oportunidade de contarmos nossas histórias, através da nossa ótica”

Como tem sido a repercussão do Sirlei junto ao público?

Tem sido maravilhosa! Ouço de tudo, mas o mais importante é saber que estou levando alegria pra dentro das casas dos brasileiros. Isso não tem preço.

Se precisasse atuar como advogado de defesa do controverso personagem, qual seria o seu principal argumento?

Se o amor transforma água em vinho, sapo em príncipe e poemas em canções, pode humanizar o malandro.

Como você descreve sua experiência em trabalhar com um elenco que inclui veteranas, como Eliane Giardini, Mariana Ximenes e Thalita Carauta e novatos como, Gi Fernandes e Paulo Mendes?

Estou sempre disposto a aprender com todos os encontros que a vida me proporciona. Ouvindo suas histórias e experiências, procuro guardar algo que agregue na minha vida e possa usar em algum momento, dentro e fora de cena. Meus parceiros são maravilhosos, nossa coxia é leve, divertida. Às vezes, combinamos de pedir comida e almoçarmos juntos, aos sábados, antes do estúdio, para confraternizar. A leveza é a essência da nossa trupe.

Você mal terminou de gravar a novela *Dona Beja* como o protagonista Antônio e já precisou encarar um novo personagem no horário nobre da Globo. Como é a sua preparação para sair de um universo a outro completamente diferente?

Nesse último processo, ganhei 50 dias para descansar e ter tempo de renovar meu estoque de referências. Geralmente, vou pra rua e me coloco como expectador. Transeuntes são ricos em trejeitos e dialetos; puxo um papo com alguns perfis interessantes, faço perguntas pessoais e ouço. Ouço com atenção sua história, a forma de falar, os movimentos corporais e as manias. Para o Sirlei, eu criei um dicionário de gírias e provérbios populares. Quando estou estudando uma cena, pesquiso o que cabe dentro do texto que o Sirlei usaria e me divirto muito com isso.

O que o público pode esperar de *Dona Beja*?

Um projeto ousado, atual, apesar de ser um remake, com fotografia, direção e figurino magníficos, um elenco maravilhoso e diverso, tudo feito com muito amor e empenho. A história sendo contada sobre uma ótica inovadora e absolutamente crível. Já estou ansioso para essa estreia.

Como você descreveria sua experiência em trabalhar em diferentes plataformas, como TV, cinema e streaming?

É o futuro! Acho que o mercado precisa estar cada vez mais aberto a novas produções, e eu tenho o maior orgulho de construir narrativas diversas em múltiplas plataformas, espero continuar neste caminho.

Como você acha que a representação da diversidade étnica na tevê brasileira está evoluindo, e como se sente tendo um papel importante nesse processo, sendo um dos ainda raros atores pretos a protagonizarem uma novela?

Estamos no caminho da mudança. É urgente que a sociedade humanize corpos pretos, nos permita viver para além dos estereótipos, e estamos caminhando para isso. Estamos galgando a oportunidade de contarmos nossas histórias, através da nossa ótica, e isso significa que precisamos ocupar os lugares de direção, produção executiva, coordenação de elenco, roteiro, entre outras que regem nossa dramaturgia. Para mim, esse é o caminho da revolução.

Como a sua carreira de ator e até mesmo sua vida pessoal foi influenciada pela sua experiência como vencedor do *The Masked Singer Brasil*?

O *The Masked Singer* foi um marco histórico na minha jornada. Desbloqueei meu lado cantor que sempre existiu, mas por autossabotagem descredibilizava meu talento e minha paixão pela música. A pandemia me permitiu olhar para o que de fato importa, e a música me reencontrou. Além da *Hora do Blec*, em que atuo como cantor e compositor, tenho criado outras obras autorais. Em breve, teremos novidade por aí.